

A EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO PIBID 2025: práticas de observação e alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental

Laura Nascimento dos Santos¹
Luzielma Alexandrino de Souza²
Rosangela de Carvalho Araújo³
Francisco Afranio Rodrigues Teles⁴

RESUMO

Este trabalho visa apresentar experiências formativas no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Pedagogia de uma universidade da cidade de Parnaíba - PI. As práticas de observação e alfabetização tiveram como objetivo observar a rotina de uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental com foco em atividades de auxílio nos processos de alfabetização e letramento das crianças. Essas práticas foram desenvolvidas na turma do 1º ano B, na escola Municipal Benedito dos Santos Lima, no âmbito do primeiro semestre de 2025. A metodologia contempla a descrição da observação da rotina (questões comportamentais e as dificuldades em concentração) e aponta reflexões que facilitam o processo de aprendizagem das crianças, bem como identifica as dificuldades da sala de aula (relações e incentivos externos). Teoricamente, este trabalho está vinculado às discussões sobre alfabetização com base em Morais (2012) e Nóvoa (2009). Os resultados da experiência mostram que esse processo formativo no PIBID contemplou significativas vivências de interação com as crianças, identificando habilidades e desafios quanto às práticas de alfabetização e letramento. Além disso, as intervenções lúdicas colaboraram para despertar interesse e concentração nas tarefas desenvolvidas na escola, mostrando-se bem aceitas pelos estudantes. Assim, a experiência criou cenários de formação para os estudantes e os participantes do PIBID, mas precisando ser ampliada com momentos de reflexão crítica e outras atividades que promovam mudanças e ampliação da experiência de alfabetização e letramento.

Palavras-chave: Formação, Alfabetização, Rotina de sala, Observação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se um relato de experiência visando analisar práticas de observação e alfabetização, tendo como contexto o ambiente escolar, turma de primeiro ano do ensino fundamental, em instituição de ensino público municipal de Parnaíba - Piauí. O foco é mostrar a dinâmica da sala observada em processo de alfabetização, nas seguintes considerações: núcleo da turma; forma de organização; esquema de rotina; eventos comemorativos ou tradicionais; conteúdos abordados; projetos/atividades de intervenção e/ou

¹ Graduanda do curso de Pedagogia e bolsista do PIBID, laurandossantos@aluno.uespi.br

² Graduanda do curso de Pedagogia da UESPI e bolsista do PIBID, luzielmasouza2006@aluno.uespi.br

³ Especialista em Educação Integral pela UFPI- PI, rosangelaaraujo128@gmail.com;

⁴ Doutor na área de linguagem - PUCSP, Licenciado em Pedagogia - UFPI, afraniofmn@phb.uespi.br.

diagnósticas; auxílio em sala e convívio no geral com alunos e professores. Todas essas questões têm um grau de importância para o entendimento completo da experiência vivenciada no PIBID no período 2025.

Para isso, primeiramente, fez-se necessário citar as principais impressões obtidas nas observações e intervenção pedagógica desenvolvida de forma supervisionada. Nesse contexto, destacou-se a figura central da turma, a professora titular, os demais representantes da instituição e do programa PIBID. Desse modo, todo o processo foi direcionado pela supervisora do núcleo, que prestou um grande apoio e ampliou as percepções das pibidianas sobre como funciona ou deveria funcionar as atividades pedagógicas em sala.

Vale ressaltar que foi central a inserção de estudos teóricos, como de Morais (2012), Nóvoa (2009), dentre outros que facilitaram novas possibilidades de questionamentos e ações no âmbito da alfabetização. Ou seja, a fundamentação teórica contribuiu para as descobertas e inserção de propostas mais diversificadas no trabalho pedagógico com a turma supracitada, considerando aspectos como flexibilidade e contextualização. Diante disso, foram usados instrumentos materiais e imateriais como mediadores de conhecimento, a fim de incluir todas as crianças no processo e minimizar dilemas do processo ensino-aprendizagem. Em geral, foi observado que os desafios mais visíveis em sala de aula eram ligados às dificuldades de concentração e atitudes comportamentais.

Nessa perspectiva, a metodologia do trabalho considerou um diagnóstico durante a fase de observação dos estudantes. Esse processo foi viabilizado por meio de coleta de informações e detalhamento delas para mostrar a realidade presenciada em sala de aula. Tudo isso, se deu mediante a vivência de observação dos participantes e a proposta de uma intervenção que, por sua vez, foi pensada de acordo com as necessidades dos alunos em fase alfabetizadora.

O início da alfabetização é um período de descobertas intensas. As crianças chegam cheias de curiosidade, energia e vontade de aprender; mas também, com ritmos, experiências e repertórios muito diferentes entre si. É nesse momento, que elas começam a compreender o funcionamento do sistema de escrita alfabética e a perceber que as palavras carregam significados, sentimentos e histórias.

Considerando que o ato de alfabetizar requer dedicação e paciência do professor, é importante entender as dificuldades dos estudantes e propor estratégias que contribuam para

acelerar a aprendizagem das crianças. Por isso, este relato registra a observação e a intervenção na aprendizagem não apenas para os alunos, mas, também, na ampliação do conhecimento da pibidianas sobre cenários de intervenção em sala de aula no contexto de iniciação à docência.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho constitui-se de natureza qualitativa, cujo instrumento utilizado foi a observação participante e uma intervenção na rotina pedagógica da turma de 1º ano do ensino fundamental, da escola municipal Benedicto dos Santos Lima. Esse processo ocorreu durante a inserção das pibidianas na referida turma. A proposta de observação e intervenção auxiliou, também, na motivação das crianças para um processo de alfabetização e letramento mais significativo.

As práticas de observação e de intervenção na turma, iniciaram em 10 de março de 2025. Nesse dia, as atividades iniciaram com a apresentação e acolhimento de todas as crianças. Elas fizeram ilustrações referente às férias e expuseram suas vivências coletivamente em sala de aula. Em seguida foi feita a construção da árvore dos combinados, elaborada por cada criança, com exposição das regras para garantir uma boa convivência durante o desenvolvimento das atividades e, também, ao longo do ano letivo. Nos primeiros dias de aula, a professora titular da turma, com o auxílio das pibidianas, promoveu atividades diagnósticas com o intuito de identificar as potencialidades e as dificuldades da turma.

Esse levantamento de informações, colaborou para um melhor entendimento e mapeamento das principais carências no sentido da alfabetização e letramento das crianças. Por intermédio desses pontos foram desenvolvidas atividades de intervenção para superar as dificuldades encontradas.

Sobre o diagnóstico, o mesmo foi organizado em perguntas com figuras de fácil entendimento, a fim de identificar vogais e consoantes, junção de sílabas, nomes próprios, percepção de dos sons, a ligação de grafemas e fonemas.

As atividades desenvolvidas, consideraram o uso da leitura e a compreensão de textos, embora a maioria dos alunos mostrasse dificuldade nesse quesito. Foi adotada uma estratégia de criar cenários de interação, com a ajuda de parlendas, cantigas e versos cantados.



Tão logo, foi necessário o aprimoramento dos sons de cada letra, associando as teorias lidas em obras anteriores, à prática em sala de aula. Sabendo que o processo de desenvolvimento das crianças, é longo e cheio de níveis é fases que impactam nessa trajetória.

Tendo em vista essa realidade, outros momentos de intervenção foram efetivados, a partir do uso de um jogo interativo de palavras, visando intervir, principalmente, na dificuldade de concentração de grande parte das crianças. Isso porque foi perceptível que as principais dificuldades dos estudantes estavam relacionadas às questões comportamentais e de concentração, que influenciavam no desenvolvimento da leitura.

Nessa perspectiva, as práticas planejadas consistiram em auxiliar tanto a professora titular da turma, quanto as crianças durante as atividades propostas, destacando-se as seguintes atividades nesse processo: *a sorveteria da leitura* e *o mestre da leitura*. Dessa forma, foram utilizadas atividades diversificadas para mobilizar a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes da turma do 1º ano do ensino fundamental, fundamentando-se em uma teoria que sustenta práticas alfabetizadoras e de letramento.

REFERENCIAL TEÓRICO

A base teórica que sustentou as observações, o diagnóstico e as atividades desenvolvidas foram respaldados em conceitos e reflexões pertinentes de Morais (2012), focalizando o Sistema de Escrita Alfabetica, Növoa (2009), a partir de posicionamentos sobre ser professor na contemporaneidade e em Freire (2001), realçando a importância do ato de ler. Esses autores foram muito importantes para ampliar o conhecimento sobre as observações, diagnósticos, dilemas e ações a serem desenvolvidas em sala de aula.

Para Morais (2012), é indispensável a compreensão dos processos de alfabetização na perspectiva construtivista e psicogênica da linguagem. Esse autor busca analisar como as crianças constroem o conhecimento sobre o sistema de escrita alfabetica, enfatizando que aprender a ler e escrever não se resume à memorização de letras ou sílabas, mas a compreender os princípios de funcionamento do sistema alfabetico, ou seja, como os sons da fala (fonemas) se relacionam com as letras (grafemas). Essa visão rompe com formas tradicionais e mecanicistas, nos quais a alfabetização se limitava à repetição e à cópia,

propondo uma prática pedagógica reflexiva, significativa e centrada no aluno como sujeito ativo da aprendizagem.

Nessa perspectiva, Morais (2012), focaliza, ainda, o conceito de níveis de escrita (pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabetico), que são estágios pelos quais a criança passa na construção do conhecimento sobre o sistema de escrita. Para ele, cada nível reflete hipóteses que o aprendiz elabora sobre como a escrita representa a fala. Esse entendimento é essencial para o professor, pois permite que ele identifique o estágio em que cada aluno se encontra, e isto permite planejar intervenções pedagógicas adequadas, respeitando o ritmo e a lógica de aprendizagem de cada criança.

Com base nisso, fortalece-se a ideia de que alfabetizar vai além de ensinar letras: envolve favorecer a reflexão sobre a língua escrita, incentivando o aluno a comparar, testar e revisar suas hipóteses por meio de situações reais de leitura e escrita. O reconhecimento desses níveis de escrita é essencial para a prática docente, pois permite ao professor identificar o ponto de partida de cada aluno e planejar intervenções pedagógicas diferenciadas e intencionais.

Por conta disso, Morais (2012) destaca que a avaliação diagnóstica e contínua é uma ferramenta importante para orientar o ensino, possibilitando que o professor observe a evolução das hipóteses e proponha situações de aprendizagem desafiadoras, que favoreçam o avanço progressivo do aluno no domínio do sistema alfabetico.

Vale destacar que uma progressão didática planejada, que combine atividades de reflexão fonológica, leitura compartilhada e escrita espontânea, como defende Morais (2012), é relevante e necessária na alfabetização. Essa decisão, contribui para o desenvolvimento de uma consciência fonológica, habilidade de perceber e manipular os sons da fala. Logo o professor pode promovê-la por meio de jogos sonoros, rimas, cantigas e atividades que explorem a segmentação de palavras e sílabas. Além disso, a escrita espontânea, incentivada desde o início do processo, ajuda a criança a compreender que escrever é uma forma de comunicar ideias, e não apenas reproduzir códigos gráficos.

Então, o pensamento de Morais (2012) é adequado e revolucionário, porque fundamenta uma concepção contemporânea de alfabetização, centrada na construção ativa do conhecimento, no respeito ao processo individual de cada aluno e na mediação intencional e reflexiva do professor. Esse pesquisador contribui significativamente para um entendimento

maior sobre o sistema de escrita, não como um conjunto de regras, mas como uma invenção mais humanista, em que o aluno tem voz ativa, trazendo mais significado para a aprendizagem.

Ampliando essa discussão, Nóvoa (2009), traz discussões atuais e bem diretas sobre a formação do professor, propondo uma reflexão profunda sobre o papel do docente e as transformações necessárias na prática pedagógicas diante das demandas educativas do século XXI. Para esse pesquisador, a construção da identidade docente ocorre na prática, na formação contínua e no compromisso ético com a aprendizagem dos alunos. Sua perspectiva parte do princípio de que o professor não é apenas um transmissor de conhecimento, mas um mediador de saberes e experiências, que constrói sentidos no processo educativo.

No campo da alfabetização, as ideias de Növoa (2009) tornam-se fundamentais, pois reforçam a necessidade de um ensino humanizado, reflexivo e contextualizado, capaz de promover aprendizagens reais e significativas. A alfabetização, nesse contexto, é entendida não apenas como o ato de decodificar letras e sons, mas como um processo amplo de inserção da criança no mundo da linguagem, da leitura e da escrita como práticas sociais. Dessa forma, o professor precisa atuar como um facilitador e incentivador do desenvolvimento linguístico, promovendo situações didáticas que despertem a curiosidade e o prazer de aprender.

Ademais, Növoa (2009), realça que a formação e a identidade profissional do professor são pilares essenciais para a qualidade do ensino. Para ele, o professor deve desenvolver uma postura de pesquisador, que observa, reflete e reconstrói constantemente suas práticas pedagógicas, adaptando-as às necessidades da turma. Essa reflexão crítica é o que garante a autonomia docente e a capacidade de inovar na sala de aula. Ou seja, no processo de alfabetização, isso se traduz na necessidade de o docente compreender profundamente o sistema de escrita alfabética, conhecer os diferentes níveis de desenvolvimento da linguagem infantil e planejar metodologias adequadas às características cognitivas e afetivas de cada aluno.

Além disso, Növoa (2009) ressalta que a aprendizagem se dá em uma rede de relações, e o papel do professor é criar pontes entre o conhecimento escolar e o conhecimento do aluno. Na alfabetização, essa rede envolve o diálogo entre os diferentes saberes das crianças, suas vivências, falares e formas de expressão. O educador deve valorizar o que o aluno já sabe, reconhecendo suas hipóteses de escrita e ajudando-o a avançar em seu percurso de letramento.

Desse modo, o professor atua como um orientador do processo de construção da linguagem, e não como um simples corretor de erros.

Por último, é relevante citar o pensamento significativo de Freire (2001). Em suas reflexões, orienta que o professor possa associar teorias à prática na sala de aula na perspectiva da leitura. Esse autor defende que a leitura da palavra deve ser precedida pela leitura do mundo, isto é, o indivíduo primeiro comprehende o contexto em que vive, seus desafios, suas experiências, suas relações, a partir dessa compreensão, atribui sentido à leitura e à escrita. Além disso, enfatiza que todo ato de ler é também um ato de interpretação e diálogo com o texto e com a realidade. Assim, o processo de alfabetização não se restringe ao aprendizado mecânico de letras e sons, mas se transforma em um ato de conhecimento, reflexão e libertação.

Ampliando essa discussão, Freire (2001) afirma que o leitor não é um ser passivo, mas um sujeito ativo que interage com o texto, pois questiona e ressignifica o que lê a partir de sua vivência. A leitura, nesse sentido, não é neutra: ela carrega intencionalidade e implica uma postura crítica diante do mundo.

Freire (2001), também, critica o modelo de educação bancária, em que o professor deposita informações no aluno sem promover reflexão. Suas ideias, são a defesa de uma educação problematizadora, em que o conhecimento é construído de forma dialógica e coletiva. Nesse contexto, o professor deixa de ser o detentor do saber e passa a ser mediador do processo de aprendizagem, valorizando as experiências prévias dos educandos e reconhecendo-os como sujeitos históricos.

Quanto à leitura, Freire (2001) aponta como um instrumento de emancipação social. Para ele, quando o sujeito aprende a ler criticamente o mundo e os textos, ele passa a compreender as estruturas de poder, desigualdade e opressão, podendo agir para transformá-las. A alfabetização, portanto, é o primeiro passo para a libertação, pois amplia a capacidade do indivíduo de participar ativamente da sociedade e reivindicar seus direitos. Assim, as ideias freirianas têm questionado e revelado os dilemas de uma educação robotizada, onde apenas a memorização importa, mas, o que é importante abranger todo o contexto social do sujeito, trazendo uma reflexão profunda, em que as vivências são valorizadas e incluídas nos debates, para dessa forma, romper com as barreiras da escola e ultrapassar os métodos tradicionais.

Assim, essa fundamentação teórica é suporte para os estudos dedicados ao campo da alfabetização. Isto possibilitou uma ponte entre as teorias e à prática na sala de aula. Dessa forma, as experiências com as diversas formas de ensino-aprendizagem, com o auxílio de instrumentos lúdicos, educativos e significativas, contribuíram para nos preparar para outras atividades de alfabetização em benefícios dos alunos.

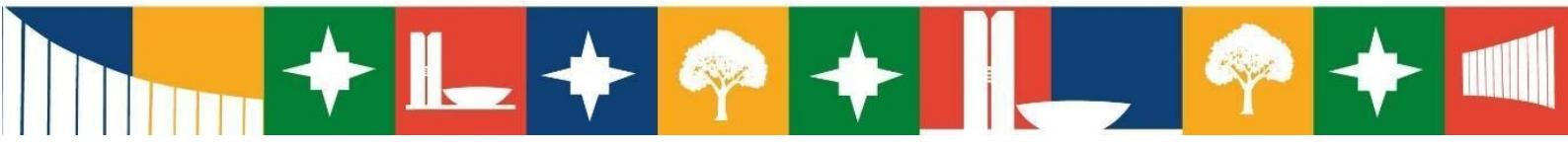
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresenta-se mais informações e sobre as observações, o diagnóstico e as atividades de intervenção implementadas na turma de 1º ano do ensino fundamental, da escola municipal Benedicto dos Santos Lima, no contexto da atuação de pibidianas vinculadas a PIBID-UESPI, no subprojeto alfabetização. É importante destacar que a identificação de potencialidades e dificuldades das crianças por meio das observações e diagnóstico da rotina da turma, foi fundamental para que fossem desenvolvidas as atividades de intervenção.

Muitos aspectos foram notados nesse processo, de modo geral foi possível um olhar atento à frustração de muitas crianças, quando não conseguiam realizar a leitura das palavras; e também, a falta de concentração durante e posterior à participação nas atividades. Além disso, foi verificado muita empolgação das crianças quando assimilavam a descoberta da leitura e no momento de realização das ações propostas.

É relevante informar que a presença das pibidianas em sala de aula foi central para o estímulo da leitura e a criação vínculos com os estudantes, favorecendo atitudes positivas em muitas crianças durante a aplicação das atividades de intervenção.

A primeira atividade de intervenção efetivada, denominada *a sorveteria da leitura*, consistiu em confeccionar (com materiais reciclados) a simulação de uma sorveteria. Inicialmente, as crianças ficaram bastante animadas com a atividade, pois eles já sabiam da existência da “caixa” dentro da sala, mas ainda não sabiam exatamente do que se tratava. Foram reunidos em círculo e perguntados sobre os “sabores preferidos de sorvetes/picolés”. Em seguida, a atividade foi explicada, que incluía ouvir uma música infantil e quando pausada a criança com a sorveteria em mãos retirava um picolé e lia a parlenda. Os sorvetes da leitura possuíam parlendas com sílabas simples e ilustrações com tema central de cada parlenda ou canção. Entretanto, por ser uma turma numerosa, o interesse pela atividade foi



perdendo o interesse. As crianças queriam participar da leitura, mas não queriam escutar quando os colegas estavam lendo. Logo foi perceptível também, que quando não conseguiam ler uma palavra completa, ficavam desmotivadas, mesmo com o auxílio das pibidianas.

Nessa atividade, há um esforço de somar momentos prazerosos com a aprendizagem das crianças, mas manter a atividade com atenção de todos parece ter sido o desafio, uma vez que o ato de ler ainda foi muito individualizado e não coletivo, o que Freire (2001), chama de ato social e dialógico. Ou seja, ler não é só decifrar palavras, mas compreender a realidade e dar sentido a ela. Além disso, o erro não parece ser visto como uma oportunidade de aprendizagem ou o acerto do outro como uma possível maneira de se aprender.

A segunda atividade de intervenção, intitulada de *o mestre da leitura*, consistiu em ler palavras com sílabas simples e localizar a imagem da palavra lida. Nessa atividade, foi exposto um cartaz no quadro de acrílico, contendo imagens de animais, objetos e utensílios que fazem parte do cotidiano das crianças. A metodologia em movimento, envolvia uma criança por vez. Eram convidados a vir até ao quadro acrílico, sorteava uma palavra, lia (a maioria da turma não precisou de auxílio) e localizava a imagem no cartaz. Foi perceptível, nessa atividade, que as crianças estavam mais envolvidas e concentradas, mesmo com um número considerável de estudantes, nesse dia estavam presentes 22 crianças de uma turma de 25 alunos. A cada acerto da palavra, eles se empolgavam cada vez mais, resultando em um momento positivo de leitura e concentração.

Nessa atividade, parece que houve um avanço no campo da alfabetização mais ativa, porque foi mais contextualizada e menos reprodutiva, em que as crianças atuaram de forma mais autônoma. Além disso, os estudantes puderam fazer relação fonema-grafema (Morais, 2012) e a proposta teve uma intencionalidade pedagógica mais clara e dialógica.

Considerando esse contexto, as ideias de Morais (2012) e Freire (2001) se concretizam em suas reflexões. É por meio de práticas pedagógicas investigativas e interativas que o professor atua como mediador e organizador de experiências significativas.

O uso de textos de circulação social (como bilhetes, parlendas, listas, rótulos e pequenos contos) constitui-se uma estratégia essencial, pois permite que a criança perceba a funcionalidade da escrita e, ao mesmo tempo, reflita sobre sua estrutura a partir de sua realidade. Pode-se usar vários exemplos dessa perspectiva na prática, como propor uma leitura de cantigas, com nomes simples destacados com ênfase nas letras e sons de sílabas

fortes. Com a identificação para cada letra pronunciada através dos fonemas, é possível ser incluído o próprio alfabeto fonético, mais trabalhado, por meio da leitura e oralidade, associando a compreensão do mundo ao redor.

Assim, as observações, o diagnóstico e as práticas interventivas caminharam na perspectiva freiriana e construtivista de alfabetização, inclusive com um viés lúdico, mas apontam a necessidade de mais diálogo e sentido social da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de pedagogia da UESPI - Parnaíba, por meio do subprojeto de Alfabetização, mostrou sua relevância na formação de pedagogos. O intuito de preparar o universitário para as realidades da educação básica foi uma realidade efetivada. Essa é uma excelente forma de preparar o futuro pedagogo para olhar as potências e os desafios da educação na realidade da escola.

Nessa perspectiva, o subprojeto de alfabetização vem focalizando na temática de auxiliar na promoção de práticas alfabetizadoras ativas e lúdicas, visando o desenvolvimento integral das crianças. Dito isso, esta experiência não apenas contribuiu para formação profissional das pibidianas, mas para ampliar as condições de acompanhamento da aprendizagem e desenvolvimento das crianças em sala de aula.

Em suma, as atividades desenvolvidas são avaliadas positivamente pelo viés da articulação teoria e prática, tendo em vista que as duas atividades de intervenção foram essenciais para acompanhar a evolução do processo de alfabetização das crianças.

Nesse sentido, a experiência do PIBID, criou cenários de formação e aprendizagem de todos os envolvidos no processo. Todavia, seu potencial deve ser ampliado, com mais atividades práticas que estimulam a vivência de uma alfabetização lúdica, dialógica e social da leitura e do letramento. Com isso, ensinar vai muito além de repassar conteúdos e ministrar aulas, é um ato de resistência e entendimento maior sobre o que é ser um pedagogo na educação escolar para que mais crianças possam aprender e se desenvolver em múltiplas facetas de sua existência. Por isso, de modo geral, este trabalho foi importante para auxiliar, observar, interferir e contribuir em um melhor desempenho dos alunos, professora e pibidianas.



REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 42. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética.** São Paulo: Editora melhoramentos, 2012.
- NÓVOA, António. **Professores:** imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.